

O BIBLIOTECÁRIO EM TEMPOS DE CRISE: AS CONSEQUÊNCIAS ÉTICAS DA PÓS-MODERNIDADE PARA O USO DA INFORMAÇÃO

THE LIBRARIAN IN TIMES OF CRISIS: THE ETHICAL CONSEQUENCES OF POST-MODERNITY FOR THE USE OF INFORMATION

Marcílio Bezerra Cruz^a

Jhoicykelly Roberta Pessoa Silva Cruz^b

Hélio Márcio Pajeú^c

Májory Karoline Fernandes de Oliveira Miranda^d

RESUMO

Objetivo: discutir o papel do bibliotecário em meio aos tempos de crise próprios da Pós-Modernidade, refletindo, sobretudo, as suas contribuições para com o uso da informação. **Metodologia:** A pesquisa se configura de natureza exploratória e foi realizada por meio do levantamento bibliográfico dos principais autores ligados tanto aos estudos sociais da Ciência da Informação, quanto as discussões históricas e filosóficas que giram em torno do conceito de Pós-Modernidade. **Resultados:** A Pós-Modernidade introduz uma crise profunda dos valores modernos, afetando diretamente o campo informacional. Nesse sentido, A profissão bibliotecária é diretamente afetada e adquire papel ético central, pois sua atividade lida com produção, uso, mediação e circulação de informações. **Conclusões:** conclui-se que, por conta do compromisso ético em relação ao uso e a disseminação da informação, o bibliotecário pode auxiliar na redução e na superação de certos impasses causados pela Pós-Modernidade, desde que sua *práxis* seja voltada às questões éticas do uso da informação.

Descritores: Bibliotecário. Pós-Modernidade. Ética. Niilismo. Pós-Verdade.

^a Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Doutorando em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: marcilio.cruz@ufpe.br

^b Doutoranda em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: jhoicykelly.pessoa@ufpe.br

^c Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos. Docente do Departamento de Ciência da Informação na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: helio.pajeu@ufpe.br

^d Doutora em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais/Ciência da Informação pela Universidade do Porto (FLUP). Docente do Departamento de Ciência da Informação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: majory.oliv@ufpe.br

1 INTRODUÇÃO

Na história, os mais importantes acontecimentos, aqueles que marcam de modo decisivo os paradigmas do desenvolvimento humano, costumam levar bastante tempo para se instaurar. Habitamos encarar o presente na expectativa de que o futuro esclareça aquilo que estamos vivendo. Experimentamos as sensações, presenciamos os fatos, disputamos as guerras, mas por estarmos próximos demais de tais acontecimentos, não somos capazes de vislumbrar toda a rede de episódios que foram desencadeados para que cada evento pudesse sobre chegar exatamente do seu modo e não de outro. Somente décadas ou séculos mais tarde é que será possível olhar para trás e afirmar com maior segurança quais foram os elementos marcantes de nossa época que perpassaram cada contexto sociocultural, modelando e reformulando os paradigmas epistemológicos, estéticos, éticos e políticos.

Isso não significa, entretanto, que já não possamos perceber as suas marcas distintivas. O olhar ao passado, de uma forma exotópica, como ensinam os historiadores, se mostra de importância capital. É preciso levantar questões como: ‘o que permaneceu no desenrolar dos séculos’; ‘o que se transformou?’ ‘o que de novo surgiu?’. É nesse sentido que diversos teóricos, nos mais diferentes campos de atuação, se lançam nessa difícil tarefa de conceituar o presente, e uma boa parte, olhando para trás, é taxativa em um ponto: os séculos XX e XXI se mostram em meio a uma tentativa de ruptura com a Modernidade. Isso se encontra, por exemplo, nos termos que foram criados para definir a Contemporaneidade: ‘Modernidade Tardia’; ‘Modernidade Líquida’ e ‘Pós-Modernidade’. Tudo indica uma espécie de autoconsciência de que não fazemos mais parte disso que se chama ‘Modernidade’ ou que, ao menos, estamos em meio as consequências do que foi feito durante esse período.

A noção de ‘Pós-Modernidade’, em especial, reflete uma profunda sensação de desorientação e crise de valores, compartilhada não apenas pelos filósofos e cientistas, mas por diversos setores da sociedade. Ao abordar tal temática, alguns teóricos contemporâneos destacam que os valores modernos, forjados entre os séculos XVII e XIX, não correspondem mais às complexidades

da sociedade atual; que a ruptura com o passado nos lança em um vazio pessoal, social e político, caracterizado por tempos de profundas incertezas e questionamentos.

O conceito de ‘Pós-Modernidade’ foi formalizado em 1979 pelo filósofo francês Jean-François Lyotard, em sua obra: *A Condição Pós-Moderna*. No entanto, suas raízes intelectuais remontam aos filósofos alemães e literatas russos do século XIX – tais como Friedrich Nietzsche e Fiódor Dostoievski – que buscavam, de maneira visionária, desmascarar a fragilidade da racionalidade, antevendo as limitações da razão e da ciência. Ademais, tais autores também destacavam os problemas sociais que se originariam diante de uma possível crise de valores moderna, bem como a iminência de se repensar a cultura europeia, deixando de lado todo o otimismo e utopismo pregados pelo movimento iluminista.

Todavia, para além das antecipações propostas por esses pensadores, a Pós-Modernidade trouxe consequências ainda mais negativas às nossas relações interpessoais. O surgimento de posturas niilistas, bem como a supervalorização do relativismo de opinião e a falênciam das metarratativas, possibilitou fenômenos – como as Fake News e a Pós-Verdade – que afetam diretamente a práxis educacional e, em especial, as atividades dos profissionais da informação. A distorção deliberada da realidade e a produção e consumo afetivo da informação acabam por promover segregações identitárias no interior de contextos socioculturais.

O bibliotecário, nesse sentido, sendo um profissional que lida diretamente com o uso da informação, se coloca em meio a todas essas transformações, tendo suas atividades afetadas e se mostrando como uma figura de resistência diante de tais impasses.

Diante disso, o presente artigo discute o papel do bibliotecário em meio a esses tempos de crise da Pós-Modernidade, refletindo, sobretudo, sobre as consequências éticas do uso da informação. Para isso, dividimos o texto em quatro seções, nas quais apresentamos: a) algumas considerações históricas a respeito da Pós-Modernidade; b) as características singulares desse novo momento, em comparação aos precedentes; c) as consequências negativas de

certos fenômenos ocorridos nesse ‘tempo de crise’, sobretudo em relação ao uso da informação; e d) o papel da Biblioteconomia e do bibliotecário diante desses novos problemas, no intuito de contribuir para o desenvolvimento humano e social dos sujeitos pós-modernos.

A pesquisa se configura como exploratória e foi realizada por meio do levantamento bibliográfico dos principais autores ligados tanto aos estudos sociais da Ciência da Informação, quanto as discussões históricas e filosóficas que circundam o conceito de ‘Pós-Modernidade’. Conclui-se que, por conta do compromisso ético em relação ao uso e a disseminação da informação, o profissional bibliotecário pode auxiliar na redução e na superação de certos impasses causados pela Pós-Modernidade, desde que sua práxis seja voltada às questões éticas do uso da informação.

2 CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS SOBRE A GLOBALIZAÇÃO E A PÓS-MODERNIDADE

O termo ‘Globalização’ se fez presente em diversos níveis de discursão acadêmica nas últimas décadas, especialmente a partir da derrubada do Muro de Berlim, em 1989, e o fim da Guerra Fria, em 1991.

Após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos, a França, o Reino Unido e a União Soviética passaram a dividir a Alemanha em quatro facetas, cada qual sob a tutela de um dos respectivos países. Os três primeiros possuíam uma postura política e ideológica similar: centrada na legitimidade dos bens privados e na liberdade do comércio e da indústria; já o último, por outro lado, defendia a coletivização dos meios de produção a partir da abolição da propriedade privada e da superação da divisão da sociedade por meio das classes sociais (Sobrinho, 2015).

Essa distinção foi ainda mais intensa em Berlim, a capital do país, que era administrada pelos quatro países. Se fala que uma ‘cortina de fumaça’ havia descido sobre o continente, invisível, mas perceptível, separando a parte ocidental da oriental e dando início aquilo que mais tarde ficou conhecido como ‘Guerra Fria’ (Domingos, Lima, Collovini, 2019). Em poucos anos, cerca de 2,8 a 3,0 milhões de pessoas passaram da parte socialista de Berlim para a

capitalista, buscando melhores oportunidades que esta parecia oferecer. Isso gerou a demanda, especialmente por parte da União Soviética, de materializar a cortina de fumaça em um muro físico que separaria os dois lados da cidade (Burchardiy, Hassan, 2011).

O Muro de Berlim foi uma estrutura de mais de três metros de altura e 155km de comprimento. Permeado por cercas elétricas e vigiado por militares fortemente armados. Ele separou, durante trinta anos, milhares de famílias e consolidou a discórdia entre dois modelos de mundo antagônicos (Sobrinho, 2015). Não havia espaço para ficar entre as duas ideologias: ou se escolhia um dos lados ou era violentamente arrastado por um deles. Os demais países observavam atentos a tudo o que ocorria em Berlim. O velho mundo, fragilizado pelas suas guerras, sentia que o futuro dependeria do desfecho daquela disputa:

O ‘terceiro mundo’ foi o palco para que os EUA buscassem mercados e para que a URSS incentivasse revoluções que tendiam à ideologia socialista. O conflito intersistêmico tinha como uma das principais características o desejo de universalização da ideologia de ambas as potências hegemônicas: um Estado estava comprometido em converter o outro a sua própria ideologia (Figlino, 2016, p. 9-10).

Em 1985, a União Soviética entrou em uma profunda crise econômica que iria levá-la ao seu fim. Para tentar reduzir os impactos dessa crise, o líder Mikhail Gorbachev propôs uma maior abertura social entre as duas partes da Alemanha e implantou a política da Glasnost em favor da democratização e da liberdade de expressão dos cidadãos sob o regime socialista (Hobsbawm, 1995). Com isso, o governo Gorbachev promoveu, dentre outras transformações, o fim do sistema unipartidário que dava ao socialismo contornos totalitários; a reabilitação das vítimas do regime de Stálin; o fim da Guerra do Afeganistão e a derrubada do Muro de Berlim. Aos poucos, a cortina de fumaça ideológica também se dissipava, revelando os escombros das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Se as duas guerras haviam afetado diversos países, de maneira global, na primeira metade do século XX, a vitória da Alemanha capitalista, liderada pelos Estados Unidos, determinaria de maneira igualmente global o futuro do planeta. O Neoliberalismo, com o recuo da força estatal dos países, possibilitou às empresas privadas a oportunidade de se tornarem os agentes ativos no

processo de desenvolvimento econômico do planeta (Harvey, 2008). O Estado, nessa perspectiva, passou a delimitar as ações das empresas para que elas não possam afetar diretamente os direitos dos indivíduos, mas flexibiliza as leis trabalhistas e promove a abertura das fronteiras nacionais para que haja uma maior facilidade de produção e negociação de mercadorias. Em outras palavras, é a ampliação das empresas privadas que agora garante o ‘progresso’ dos países.

Com esse empreendimento, destaca-se o desenvolvimento de, ao menos, dois setores: transporte e comunicação, ambos alicerçados no uso das novas tecnologias. A redução das distâncias geográficas era um imperativo a ser superado pelas empresas transnacionais que estavam por surgir, impulsionadas pelo modelo econômico neoliberal (Soares, 2002). A globalização, nesse sentido, se tornou o fenômeno que melhor sintetiza o novo milênio, visto a confluência que norteia e unifica os ideais políticos, ideológicos, econômicos e científicos. O ‘novíssimo mundo’, regido pelas demandas do capital, caminha rapidamente em direção a uma ‘mundialização da cultura’ ou, atribuindo o devido nome, ‘americanização’:

Para aqueles que apontam para o processo de americanização, existe ‘uma cultura global sendo formada através da dominação econômica e política dos Estados Unidos, que estendem sua cultura de maneira hegemônica a todas as regiões do mundo’(...) A ideia é que ao Ocidente – leia-se Estados Unidos – cabe o papel de ‘guardião dos valores universais’ e a responsabilidade pela difusão desses valores às sociedades mais atrasadas (Costa, 2004, p. 262).

A criação da internet e, em especial, da Rede Mundial de Computadores tornou-se os grandes marcos tecnológicos desse novo mundo globalizado. Durante duas décadas, a internet foi utilizada exclusivamente nos meios militar, acadêmico e científico, vindo a se popularizar apenas na década de 1990, em um mundo que esperava ansiosamente pelo fim da Guerra Fria e pelo processo de Globalização (Giles, 2010). Uma vez livre das demandas militares, ela possibilitou a redução das distâncias geográficas e facilitou a popularização do conhecimento. Agora as pessoas poderiam se comunicar a distância, em uma velocidade instantânea, bem como ter acesso a todo tipo de informação ao

alcance de apenas alguns cliques.

É por conta de todas essas transformações históricas, a nível global, que estudiosos mais atuais, como Lyotard (2015) e Coelho (2011), acreditam que vivemos em uma nova era, com valores e ideais distintos daqueles pregados pela Modernidade. A isso, tais autores acreditam que estamos vivendo uma ‘Pós-Modernidade’, estabelecida a partir da crise de valores que se instauraram historicamente a partir das transformações de um mundo pós-guerra, globalizado, refém do Capitalismo e estritamente dependente da internet e das novas tecnologias.

3 A PÓS-MODERNIDADE E A CRISE DOS VALORES MODERNOS

O sujeito moderno, nascido da tensão entre a Escolástica e o Renascimento, procura se afastar da verdade revelada, imposta pela autoridade eclesiástica, em busca de um conhecimento racionalizado, mais autônomo, justificado pelos princípios da lógica e atestado pela prática científica (Cardoso, 1996). A revolução no paradigma astronômico – do Geocentrismo ao Heliocentrismo – e a descoberta das leis universais da Física, por Galileu e Newton, ofereceram a concepção de que, apesar da tutela de um Deus pessoal, era possível alcançar a independência necessária para a ‘Maioridade’ (KANT, 2021). A Razão e a Ciência, à vista disso, seriam os instrumentos que garantiriam ao homem moderno a sua tão almejada autonomia.

Essa ‘maioridade’, anseio, sobretudo, do Iluminismo, trouxe valores distintos daqueles pregados na Idade Média: a) a valorização da razão que passou a ser vista como o mais importante instrumento para alcançar o conhecimento; b) o abandono paulatino das verdades transcendentais e o reconhecimento das investigações científicas, centradas na observação e experimentação dos fenômenos naturais; c) a consolidação de posturas políticas mais liberais, que pregam, dentre outras afirmações, que todos temos diretos naturais em relação a vida, a liberdade e a posse de bens materiais; d) a elaboração de um pensamento idealista que coloca as estruturas do conhecimento a priori como peças fundamentais na apreensão do conhecimento; e e) a oposição à igreja católica e ao teísmo em meio a uma forte

adoção ao deísmo e aos seus principais desdobramentos.

Além disso, no campo científico, se destacam também dois importantes acontecimentos: a crença de que existem leis naturais que regem todas as transformações que ocorrem na natureza e que são passíveis de serem descobertas por meio do entendimento humano; e o desenvolvimento das Ciências Sociais por meio do Positivismo. Ora, se existem leis universais a respeito de algo tão específico como o movimento dos corpos no espaço, deve haver também outras em campos distintos do conhecimento. Foi assim que, entre os séculos XVIII e XIX, uma variedade de estudiosos buscou se tornar os próximos ‘Newtons’ em suas respectivas áreas de atuação, o que garantiu um maior avanço da Matemática, Química e Biologia, bem como o surgimento de teorias importantes que transformaram e garantiram o desenvolvimento tecnológico até os nossos dias:

Assim, grandes pensadores marcaram seu espaço no cenário de consolidação da ciência. Neste sentido, no decorrer da história da modernidade, no século XVII, Isaac Newton foi o pensador moderno responsável por colocar em prática o arcabouço teórico e metodológico cartesiano, desenvolvendo, dessa forma, a base para que a revolução científica, iniciada por Descartes, fosse, de fato, deflagrada (Coelho, 2016, p. 270).

A Modernidade, nesse sentido, ofereceu vislumbres de um futuro otimista, no qual, com o bom uso da razão e a descoberta contínua de novas leis científicas, alcançaríamos o verdadeiro progresso da humanidade. Era próprio do ‘espírito do tempo’, a partir de tudo que estavam vivendo, elaborar utopias que representavam os dias vindouros, avistando melhorias em diversos setores da Ciência. É o caso, por exemplo, da Utopia de Thomas More, escrita em 1516, e a Nova Atlântida’ de Francis Bacon, redigida em 1626. No primeiro caso, apesar de se apresentar como um ‘não-lugar’, a República da Utopia se mostra como um paradigma de cidade, em que se preza pela liberdade de expressão e de culto, a abolição da propriedade privada e o esvaziamento do valor simbólico atribuído ao dinheiro (More, 2017). Já na Bensalém de Bacon, o desenvolvimento das ciências naturais possibilitou o progresso da ilha, dotando-a de certos aparatos tecnológicos que só se tornaram reais muitos séculos depois da morte do seu idealizador (Bacon, 2008).

Todo esse otimismo alcançou seu ápice no século das luzes, na Europa iluminista, na Alemanha de Kant e Hegel, Bach e Beethoven, Schiller e Goethe. O homem moderno levantou voos cada vez mais próximos do sol e, desprezando a tragédia que aconteceu a Ícaro, acabou tendo suas asas igualmente queimadas, despencando do alto em queda livre, direto nas cidades bombardeadas de Hiroshima e Nagasaki. Os horrores das duas grandes guerras nas primeiras décadas do século XX, potencializados pelo progresso científico, reduziram o otimismo, reformularam ideais e transformaram (u)topias em (dis)topias. A razão e a ciência, arautas do ‘novo éden’, exibiram a outra face do progresso: a tecnologia que amplia e melhora a nossa qualidade de vida é a mesma que pode dizimá-la em fração de segundos:

A promessa da racionalidade e progresso contida na acepção da Ciência que parecia em fins do século XIX estender-se para toda a humanidade, não se cumpriu. Ao contrário, a Ciência tornou possível ser o século XX a era de maior violência e mortandade desde sempre, seja em números absolutos ou relativos. Simultaneamente houve a exploração incontrolável e predatória dos recursos naturais desencadeando verdadeiras catástrofes no meio ambiente e ameaçando a continuidade da vida no planeta terra (Cardoso, 1996, p. 66).

Um mal-estar se instaurou na civilização: filósofos, cientistas e artistas passaram a modificar seus discursos, abandonando o ideal de progresso e aceitando que o futuro pode nos reservar dias ainda sombrios. Ao tentar promover uma ruptura com os ideais modernos, esses estudiosos sublinham aquilo que já não somos ou, ao menos, aquilo que já não deveríamos ser: não somos mais iluministas, positivistas e científicos, isto é, não devemos acreditar que a razão e a ciência sejam capazes de oferecer as respostas para todas as nossas questões ou a solução definitiva para todos os nossos problemas; não somos mais idealistas e, como tal, não devemos defender que o mundo exterior não passa de uma construção subjetiva e mental do nosso intelecto, finito, limitado e ‘demasiado humano’; não somos mais tão ingênuos para acreditar que a vida possui um sentido ulterior ao próprio ato de viver, presente em cada modo particular de existir (Coelho, 2011).

É precisamente a isto, portanto, que chamamos ‘Pós-modernidade’: o momento sobreposto a Modernidade, engendrado a partir das duas grandes

guerras, ligado a um novo mundo globalizado e que procura se desprender de certos ideais iluministas na compreensão e na formação do futuro. As consequências desse novo modelo de pensamento podem ser vistas nos diversos setores do conhecimento, especialmente àqueles vinculados às discussões éticas, sociais e políticas.

4 AS CONSEQUÊNCIAS ÉTICAS DA PÓS-MODERNIDADE PARA O USO DA INFORMAÇÃO

Apesar das discussões a respeito da Pós-Modernidade só terem adquirido sua força nos últimos cinquenta anos, é possível encontrarmos precedentes em obras de filósofos alemães e literatas russos do século XIX. A filosofia de Nietzsche, por exemplo, é permeada pela percepção de que a 'crise de valores' modernos era uma consequência inevitável do percurso histórico e filosófico que a Europa havia trilhado desde a Revolução Científica. O filósofo alemão se coloca como um 'mensageiro do porvir', apresentando as principais causas dessas transformações culturais e destacando algumas possíveis consequências de tais mudanças para o indivíduo e suas relações interpessoais (Costa, Silva, 2019).

Para Nietzsche, o progresso científico, por si mesmo, não pode garantir o desenvolvimento ético e político, pois a Vontade de Poder que se encontra inerente a tudo, antecede até mesmo os atos mais racionais (Nietzsche, 1992, 1998). Os valores modernos, nesse sentido, embasados na supervalorização da razão e da ciência, já nasceram com sua data de validade, porque são instintos que conduzem as nossas ações. Esses instintos desejam, antes de tudo, poder. E poder é, em última instância, aquilo que o sofista Trasímaco já dizia na República de Platão (2014, p. 39) a respeito da justiça: "a conveniência do mais forte".

O que Nietzsche faz, portanto, é destacar a hipocrisia ocidental que liga os antigos aos iluministas, sublinhando que a racionalidade não fará de nós sujeitos melhores. Ele enfatiza que a ciência, por si só, não será capaz de trazer o progresso a humanidade, pois ela se configura apenas como um instrumento que pode ser usado a todo tipo de finalidade, inclusive contra a própria

humanidade (Nietzsche, 2001). Diante dessa percepção, o ser humano não poderá se agarrar a discursos com pretensões de verdade e tudo se mostrará em meio a uma série de perspectivismos que determinará o escopo de compreensão dos fenômenos que nos cerca.

Mas isso só começa a ser evidente quando as duas guerras assolam a Europa, afetando diretamente os sujeitos modernos. Diante de um estado de guerra, fica-se evidente que a racionalidade e o progresso científico não garantem o desenvolvimento ético e político. Que a Vontade de Poder pode desmantelar democracias e fazer surgir novas posturas ainda mais autoritárias, como o Fascismo e o Nazismo. As guerras mostraram que o otimismo moderno não fazia sentido e que a existência humana não possui qualquer valor além da sua própria necessidade de sobreviver. Em pouco mais de duas décadas após a morte de Nietzsche, tudo muda na Europa e no mundo, e o futuro vai deixando de ser aquele lugar utópico, quase ideal, para se revelar escatológico e distópico.

A primeira grande consequência da crise valores da Pós-Modernidade é em relação aos aspectos existenciais, se materializando em uma espécie de niilismo contrário a teleologia aristotélica, que revela que a vida humana não tem um sentido último. Até mesmo a felicidade se mostra controversa; e o bem-estar é relativo aquilo que aprendemos a ser. Somos lançados em um ciclo de absurdo e nulidade, como o Sísifo de Albert Camus (1989), condenado eternamente a rolar sua rocha até o cume, apenas para vê-la deslizar novamente, repetindo infinitamente essa tarefa fútil e sem sentido.

O sujeito pós-moderno comprehende que sua identidade não é predeterminada, mas sim uma construção contínua, parcial e subjetiva, fruto de sua liberdade individual. Nesse contexto, o Existencialismo emerge como uma das principais correntes filosóficas precursoras da Pós-Modernidade, ao afirmar que a existência precede a essência:

O homem é tão-somente, não apenas como ele se concebe, mas também como ele se quer; como ele se concebe após a existência, como ele se quer após esse impulso para a existência. O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo (Sartre, 1970, p. 10).

Com o niilismo, as metanarrativas perdem validade. Jean-François

Lyotard (2015) observa que a Pós-Modernidade rejeita explicações universais e generalizantes. É a consumação da ‘morte de Deus’ pregada por Nietzsche, marcando o fim da Metafísica Clássica e do conhecimento objetivo absoluto. O Positivismo cede espaço às ciências inter, pluri e transdisciplinares, e as ciências exatas compartilham espaço com Ciências Humanas, Sociais e Aplicadas.

Esses novos métodos e práticas se configuram como saberes parciais, mas plurais, que apresentam, a partir do diálogo contínuo com outras áreas, considerações esclarecedoras à problemas específicos da natureza e da sociedade. Ademais, filósofos da ciência, como Karl Popper (1972) e Thomas Kuhn (1997), repensam a práxis científica a partir dos impasses que surgem no interior de um sistema. Se é verdade que a ciência promove ‘revoluções’ a partir das ‘anomalias’ das teorias, então se mostra forçoso que a atividade do cientista seja muito mais a de promover contraexemplos aos ‘paradigmas’ vigentes do que salvá-los a todo custo.

Todavia, no que diz respeito as atividades dos profissionais da educação e da informação, existem ainda dois fenômenos da Pós-Modernidade que afetaram diretamente suas atividades cotidianas, sobretudo pelos danos causados ao uso social da informação: a explosão quantitativa da informação e a supervalorização do relativismo de opiniões.

Até o século XVI, poucas obras eram essenciais para se realizar uma pesquisa científica. Após a consolidação de novos campos científicos no século XVII, o volume de informações cresceu exponencialmente, ao ponto de, hoje, ser impossível quantificar o conhecimento disponível sobre uma temática qualquer (Burker, 2002). Para mitigar essa ‘explosão informacional’, surgiram estratégias para organizar e filtrar informações, facilitando a prática científica e seu progresso (Bush, 1945).

Além disso, com o advento dos computadores e da internet, o desafio informacional transcendeu a esfera científica, afetando áreas como Literatura, Música, Jornalismo e o cotidiano das pessoas (Jamil; Neves, 2000). A sociedade passou a ser simultaneamente consumidora e produtora de informação, gerando um problema qualitativo: a necessidade de filtrar conteúdos relevantes.

Com o acúmulo exponencial da quantidade de informações

disponíveis no último século e com o desenvolvimento espetacular dos processos técnicos de registro e de acesso a essas informações, passamos a viver um problema que se tornou fundamental, qual seja, o de selecionar no imenso estoque de informações atualmente existente, aquelas que têm qualidade (Oleto, 2006, p. 58).

Os profissionais da educação e do conhecimento, desde o século passado, vem enfrentando uma batalha contra as consequências dessa explosão informacional no âmbito social. O que parecia ser uma benção, rapidamente se tornou um problema a ser resolvido, porque nem toda a informação que passou a ser produzida se mostrou verdadeira e válida para as necessidades do usuário; e aquelas que eram válidas ainda por ser encobertas por uma avalanche de informações desnecessárias, sem sentido, falsas e contraditórias (Araújo, 2018).

A Pós-Modernidade catalisou uma profunda transformação epistemológica, corroendo a crença em uma verdade absoluta, universal e objetiva. A explosão informacional, com sua enxurrada de conteúdos diversificados, exacerbou essa tendência, consolidando o relativismo cognitivo. Nele, múltiplas perspectivas, opiniões e verdades subjetivas passaram a ser igualmente válidas, substituindo a busca pela verdade objetiva por uma pluralidade de interpretações e significados.

A supervalorização do relativismo de opiniões na Pós-Modernidade gerou uma concepção equivocada, cuja verdade é moldada conforme os interesses individuais e manipulada para justificar desejos pessoais. Isso permitiu a manipulação das palavras, propagação de falácias, desinformação, difusão de boatos e manipulação de opiniões. A era da ‘Pós-Verdade’, portanto, nega a Filosofia e a Ciência, utilizando o senso-comum como parâmetro para argumentos ideológicos e lucrando com a desrazão coletiva. As implicações são graves: perda da confiança nas instituições, polarização social, desconstrução do diálogo racional, crescimento do extremismo e erosão da verdade objetiva:

O mundo moderno pretensamente orientado pela razão, pela verdade científica não existe mais. Os resultados negativos desse progresso gerado pela modernidade passam a ser questionados. A descrença produzida pela pós-modernidade na ciência e o descrédito generalizado nas fontes oficiais de

circulação de conhecimento propiciaram e ajudaram a fomentar um terreno fértil para a proliferação de fenômenos como os da pós-verdade e das Fake News (Altoé, 2021, p. 26).

As consequências da manipulação da informação se proliferam em diversos âmbitos, notadamente na esfera política, em que assumem contornos particularmente preocupantes. Desde 2018, por exemplo, as Fake News têm desempenhado um papel decisivo nas eleições, influenciando resultados em diversos países, incluindo o Brasil (Dourado, 2020). Essa manipulação deliberada da realidade, aliada ao consumo emocional da informação, gera malezas sociais com impacto profundo na vida coletiva. A fragmentação social se acentua, à medida que grupos se isolam em ‘castas informacionais’, pelas quais indivíduos interagem exclusivamente com aqueles que compartilham suas opiniões. Esse fenômeno reforça a polarização, limita o diálogo crítico e fortalece a influência de ideologias extremistas.

A noção grega de ‘idiota’ (*ἰδιώτης*) denota um indivíduo incapaz de transcender sua realidade pessoal, isolando-se em um mundo próprio, impermeável às dinâmicas coletivas e à objetividade (Chaves et al., 2018). Na era da Pós-Verdade, essa condição se agrava, pois as informações manipuladas e seletivas criam uma realidade distorcida, limitando a capacidade crítica e a empatia. Um ciclo vicioso se estabelece: a realidade se conforma às informações consumidas, e apenas informações que reforçam essa realidade são buscadas. Algoritmos de redes sociais reforçam essa dinâmica, oferecendo conteúdos personalizados que reafirmam crenças pré-existentes, isolando indivíduos em ‘bolhas informacionais’ e impedindo a exposição a perspectivas diversificadas. Essa ‘idiotização coletiva’ solapa a capacidade de diálogo racional, polariza opiniões e compromete a saúde da Democracia:

Na medida em que se aproveitam de esquemas mentais psicológicos dos usuários, as redes sociais influenciam por intermédio de ‘cutucões e empurradas’ – *nudges* - o processo de tomada de decisão em torno da potencialização da consecução de seus objetivos: lucrar cada vez mais com a mineração e a venda dos dados sensíveis e pessoais dos usuários, expondo-os à toda gama de consequências ruins que estes suportam com exclusividade (Parchen; Freitas; Baggio, 2020, p. 316).

Todas essas consequências da Pós-Modernidade afetam diretamente o

bibliotecário em suas atividades cotidianas. Ele se depara com usuários perpassados pelo vazio existencial, lançados a uma enxurrada de informações e duvidosos quanto a capacidade da ciência de esclarecer suas dúvidas e anseios. Assim como outros profissionais ligados a educação e a informação – como professores e jornalistas –, os bibliotecários estão sendo vistos, em muitos casos, como obsoletos, reféns da falácia popular de que é possível se educar sozinho ou que é possível encontrar as informações desejadas por conta própria, ao alcance de alguns cliques.

Todavia, temos razões para acreditar que é justamente por conta de todas essas peculiaridades da Pós-Modernidade que o bibliotecário se faz ainda mais necessário. Para isso, no entanto, é mister examinarmos a sua formação, a sua missão e, em especial, as atividades que ele exerce (ou que pode exercer) para a melhoria do uso social da informação.

5 O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO NA PÓS-MODERNIDADE: UM COMPROMISSO ÉTICO COM O USO DA INFORMAÇÃO

Para compreender o papel social do bibliotecário é indispensável que analisemos alguns documentos fundamentais que norteiam sua práxis. No Brasil, destaca-se o Código de Ética do Profissional Bibliotecário que foi estabelecido e aprovado, pela primeira vez, em 1963, no IV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBB). Até 2001, o código passou por apenas seis alterações que modificaram questões secundárias que se adequavam as peculiaridades de cada contexto histórico e político (Mischiati; Valentim, 2005). O essencial, no entanto, persistiu: mesmo diante dos problemas econômicos e políticos que podem rodear as unidades de informação, a missão do bibliotecário é a prestação de serviços de informação à sociedade, preservando o cunho humanístico e liberal da profissão (Conselho Federal de Biblioteconomia, 2018).

Isso significa, portanto, que o bibliotecário dispõe de um compromisso ético com o uso social da informação, no qual a liberdade da investigação científica e a dignidade da pessoa humana se mostram como ideais a serem alcançados por meio de sua práxis. Todavia, como vimos, a Pós-Modernidade

vem gerando uma série de impasses à missão do bibliotecário, esvaziando o sentido da existência humana e reduzindo o valor do conhecimento objetivo. Essa tensão o coloca como um profissional de resistência, dotando-o da necessidade de ter que enfrentar tais consequências em função da melhoria do uso social da informação.

Dentre os problemas que discutimos, destaca-se o paradoxo informacional, que pode ser resumido da seguinte maneira: quanto mais informações são produzidas, menos temos a capacidade real de nos informar. Tal paradoxo, na verdade, é a intensificação de um problema antigo, que exigiu o estabelecimento da Biblioteconomia como ciência: a premência de novas teorias e técnicas que possibilissem uma maior organização dos livros e documentos em função do aumento quantitativo de publicações (Tanus, 2015). Em acréscimo a isso, surgiu também a demanda por uma recuperação da informação mais efetiva, exigindo novas técnicas de ‘filtragem’, tanto em ambientes analógicos quanto digitais (Araújo, 2018).

Na Pós-Modernidade, portanto, o bibliotecário deverá dar continuidade a esse trabalho, ponderando a respeito de novos instrumentos de filtragem que possibilitem garimpar aquilo que há de necessário em meio ao amontoado de informações produzidas e disseminadas. É seu compromisso ético que o torna um mediador da informação, facilitando que a informação adequada alcance o usuário que a busca. Essa atitude deve continuar a nortear a práxis do bibliotecário, conduzindo os processos técnicos e organizacionais em função do usuário.

Nas palavras de Salcedo e Silva (2017, p. 28):

A mediação da informação, portanto, não ocorre apenas nos âmbitos supramencionados, ela vai para além do contato direto com o público – chegando também aos processos técnicos. Ela encontra-se em todo e qualquer fazer do bibliotecário. A partir do momento em que o profissional cria qualquer tipo de mecanismo de recuperação da informação, sua ação será voltada sempre aos usuários.

O bibliotecário mediador da informação, com seu compromisso ético com o uso social da informação, também buscará superar as consequências de uma sociedade que se faz refém do fenômeno da Pós-Verdade. Ao tratar das

necessidades individuais de cada usuário ou das demandas partilhadas de um nicho específico, o bibliotecário pode encontrar a possibilidade de esclarecer certas informações; minar discursos falaciosos; de combater a distorção da realidade que as Fake News promovem na sociedade (Lopes, 2021). E dependendo do tipo da unidade informacional, ele pode trabalhar com uma diversidade de usuários, auxiliando no caráter formativo das crianças e adolescentes; ampliando o horizonte de perspectiva de sujeitos periféricos; e oferecendo pontos de vistas distintos aos indivíduos que já se encontram presos a certas ideologias dominantes (Ribeiro, Redigolo, 2024).

Em outras palavras, o bibliotecário pode reduzir o processo de ‘idiotização’ que circunscreve os sujeitos pós-modernos às suas ‘castas informacionais’. É preciso combater o solilóquio da informação por meio da promoção do diálogo que materializa uma polifonia de ideias, diversas e, por vezes, até contraditórias. A disseminação da informação, nesse sentido, se mostra uma poderosa aliada no combate ao engessamento de ideias, desde que o Serviço de Referência do bibliotecário seja norteado por uma práxis libertadora, aos moldes de Paulo Freire, no qual “equivale a tornar o homem e a mulher seres ativos em relação ao meio e a suas circunstâncias, seres que produzem mudanças, transformações em suas consciências e em suas realidades” (Reis, 2021, p. 245).

A verdadeira autonomia do usuário só é possível quando ele se mostra consciente das ‘castas informacionais’ que se encontram atreladas e que, por meio de suas próprias necessidades e vontades, resolve permanecer nelas ou ultrapassá-las. O bibliotecário pode contribuir no delineamento de novas possibilidades, destacando a mobilidade informacional que antes se encontrava escondida sob o véu da idiotização.

Isso, no entanto, não será uma tarefa fácil e imediata. É preciso que o debate ético seja uma constância nas discussões acadêmicas, assim como as pesquisas precisam enveredar para o fortalecimento daquilo que Capurro (2003) chamou de ‘Paradigma Social da Informação’. É esse paradigma que repensa a Biblioteconomia e a Ciência da Informação de maneira mais humana, destacando a relevância das nossas relações sociais e da alteridade no uso

social da informação. Ora, se os problemas pós-modernos possuem desdobramentos negativos a sociedade, é importante que esse paradigma se fortaleça e ofereça discussões que entendam e até esclareçam tais problemáticas.

Por fim, o bibliotecário precisa se aventurar cada vez mais nas questões políticas, pois suas bibliotecas (ou unidades de informação) não são recortes da realidade. Elas podem até se mostrar como verdadeiros portais de fuga para bibliófilos e letrados, mas se encontram atreladas às suas necessidades espaciais e temporais. A biblioteca, nesse sentido, só pode exercer bem seu papel se estiver contribuindo para a resolução dos múltiplos problemas sociais do contexto em que ela se encontra inserida. De modo análogo, o bibliotecário só pode continuar exercendo sua práxis se for capaz de auxiliar na superação dos problemas sociais que seus usuários enfrentam, sobretudo aqueles ligados ao uso e a produção da informação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Pós-Modernidade representa um esforço intelectual em definir a Contemporaneidade, destacando os elementos constitutivos de nossos dias em detrimento àqueles oriundos da Modernidade. A ideia que permeia o pensamento contemporâneo é de que estamos enfrentando uma crise dos valores que antes norteavam a Europa durante a Modernidade, tais como a supervalorização da racionalidade e a crença no progresso humano por meio do desenvolvimento científico. Todavia, após as duas grandes guerras, esses ideais se mostraram falhos e ilusórios, gerando a premência de se repensar as questões fundamentais que giram em torno da humanidade diante de um novo futuro, mais distópico e apocalíptico.

Isso gerou uma série de consequências em relação as relações interpessoais, sobretudo com o aumento informacional, e o surgimento da internet e das redes sociais. Fenômenos como o niilismo e a pós-verdade parecem reconfigurar a identidade humana, esvaziando-a de um sentido ulterior e relativizando os discursos e a verdade. A Pós-Modernidade, nesse sentido, se apresenta como um tempo de profundas inseguranças, no qual os indivíduos se

percebem a uma série de crises existenciais, éticas e políticas. Isso gerou, ao menos, duas posturas fundamentais dos teóricos e pensadores: uma que aceita a crise como elemento constitutivo humano, defendendo o niilismo e o relativismo como marcas indeléveis da nossa existência; e outra que, apesar de se perceber em meio à crise, se esforça para estabelecer novos valores morais e científicos, em um novo tipo de otimismo, menos ingênuo e preocupado com as consequências que essa ‘crise de valores’ pode trazer a humanidade.

Da nossa parte, portanto, embora acreditemos que os valores modernos eram, de fato, falhos e utópicos, bem como incapazes de se adequar a uma realidade para além daquela que é encontra em um ‘recorte europeu’, defendemos a necessidade de se posicionar contra as consequências sociais que essa crise já está gerando, sobretudo no que diz respeito a negação de conhecimentos objetivos. É mister, por exemplo, continuarmos defendendo a verdade científica e a sua capacidade de compreender os fenômenos e potencializar a vida humana. É importante nos inserirmos nos debates éticos e políticos que nascem em função do uso da informação e das tecnologias – ainda mais por sermos bibliotecários e por exercermos a função de mediadores da informação.

Nesse sentido, mais do que obsoleto, o bibliotecário é um agente de transformação e consolidação do futuro. Se a Pós-Modernidade é estruturada, sobretudo, a partir da expansão informacional e as consequências éticas do uso da informação no interior das relações sociais, é indispensável que o bibliotecário se posicione como uma profissão de resistência, contribuindo para o desenvolvimento de um futuro menos caótico e devastador. Contudo, isso será possível se houver uma série de mudanças na práxis da sua atuação, desde a autocompreensão de sua importância para as questões sociais, bem como a preocupação da Academia em formar novos profissionais ligados tanto a tecnologia quanto as questões humanistas, até o seu engajamento nas questões políticas.

Por fim, destacamos que o presente artigo não deseja esgotar as discussões sobre o papel do bibliotecário na Pós-Modernidade, mas, ao contrário, se coloca como ponto de partida para o surgimento de novas

perspectivas que venham somar às preocupações que foram aqui lançadas apenas mui brevemente.

REFERÊNCIAS

- ALTOÉ, T. F. **O fenômeno da pós-verdade no mundo contemporâneo.** Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Vila Velha. Espírito Santo, 2021.
- ARAÚJO, C. A. A. **O que é Ciência da Informação.** Belo Horizonte: KMA, 2018.
- BACON, F. **Nova Atlântida:** a grande instauração. Trad. Miguel Morgado. Lisboa: Edições 70. 2008
- BURCHARDIY, K. B.; HASSAN, T. A. **The Economic Impact of Social Ties: Evidence from German Reunification.** DIW Berlin, The German Socio-Economic Panel (SOEP), Berlin, 2011.
- BURKER, P. Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. **Estudos Avançados**, n.16, v. 44, p. 173-185, 2002.
- BUSH, V. As we may think. **Atlantic Monthly**, v.176, 1, p.101-108, 1945.
- CAMUS, A. **O mito de Sísifo.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - ENANCIB, 5., 2003. Belo Horizonte. **Anais** [...] Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- CARDOSO, A. M. P. Pós-Modernismo e informação: conceitos complementares? **Perspectiva em Ciência da Informação**, v.1, n. 1, p. 63-79, 1996.
- CHAVES, H. V.; MAIA FILHO, O. N.; JIMENEZ, M. S. V.; MORAES, B. M. Quem são os idiotas, afinal? **Pro.posições**, v. 29, n. 1, p. 153-171, 2018.
- COELHO, G. B. A Ciência Moderna e sua consolidação: é possível falar em crise social e epistemológica? **Novos Rumos Sociológicos**, v. 4, n. 5, p. 263-283, 2016;
- COELHO, T. **Moderno pós-moderno.** São Paulo: Iluminuras, 2011.
- CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA (BRASIL). **O Código de Ética e deontologia do Bibliotecário brasileiro.** Resolução 207, 2018.

COSTA, R. L. D.; SILVA, T. A. M. Por uma filosofia do porvir: Nietzsche e o pensamento como criação. **Argumentos**, ano 11, n. 21, 2019, p. 174-181.

COSTA, T. R. C. A Mundialização da Cultura e os processos de homogenização e formação da cultura global. **Universitas**, v. 2, n. 1, p. 255-267, 2004.

DOMINGOS, C. S. M.; LIMA, L. M.; COLLOVINI, R. G. O Muro de Berlim: símbolo maior da Guerra Fria. **Temporalidades**, v. 11, n. 3, p. 388-407, 2019.

DOURADO, T. M. S. G. **Fake News na eleição presidencial de 2018 no Brasil**. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea) – Universidade Federal da Bahia. Bahia, 2020.

FIGLINO, B. Guerra Fria: Um período, três olhares. **INTER-RELACIONES**, v. 16, p. 1-15, 2016.

GILES, D. **Psychology of the Média**. New York: Palgrave Macmillan, 2010.

HARVEY, D. **Neoliberalismo**: história e implicações. São Paulo: Loyola. 2008.

HOBSBAWM, E. J. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JAMIL, G. L.; NEVES, J. T. R. A era da informação: considerações sobre o desenvolvimento das tecnologias da Informação. **Perspect. cienc. inf.**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 41 - 53, 2000.

KANT, I. O que é Esclarecimento?. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 3, n. 31, 2021.

KUHN, T. S. **A estrutura das Revoluções Científicas**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1997.

LOPES, T. C. M. **O bibliotecário no combate às Fake News dentro das bolhas informativas**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia e Documentação) - Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

LYOTARD, J. F. **A Condicão Pós-Moderna**. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. 16^a ed. José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 2015.

MISCHIATI, A. C.; VALENTIM, M. L. P. Reflexões sobre a ética e a atuação profissional do bibliotecário. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n. 3, p. 209-220, 2005. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/115746>. Acesso em 28 nov. 2025.

MORE, T. **Utopia**. Trad. Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

NIETZSCHE, F. W. **A Gaia Ciência**. Trad. de Paulo C. Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, F. W. **A Genealogia da Moral**. Trad. de Paulo C. de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, F. W. **Além do Bem e do Mal**. Trad. Paulo C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

OLETO, R. R. Percepção e qualidade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 1, p. 57-62, 2006.

PARCHEN, C. E.; FREITAS, C. O. A.; BAGGIO, A. C. O poder de influência dos algoritmos no comportamento dos usuários em redes sociais e aplicativos. **Revista Novos Estudos Jurídicos**, v. 26, n. 1, p. 312-329, 2020.

PLATÃO. **A República**. Trad. E Org. De J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2014.

POPPER, K. R. **A lógica da pesquisa científica**. Trad. de Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Editora Cultrix, 1972.

REIS, S. M. A. O. Paulo Freire: 100 anos de práxis libertadora. **Revista Práxis Educacional**, v. 17, n. 47, p. 238-258, 2021.

RIBEIRO, R. J. A.; REDIGOLO, F. M. O bibliotecário como aliado no combate às Fake News no contexto da desinformação. **BIBLOS**, [S. I.], v. 37, n. 2, p. 46–59, 2024.

SALCEDO, D. A.; SILVA, J. R. P. A disseminação da informação: o papel do bibliotecário-mediador. **Revista ACB**, [S. I.], v. 22, n. 1, p. 23–30, 2017.

SARTRE, J. P. **O Existencialismo é um Humanismo**. Trad. De Rita Correia Guedes. Paris: Les Éditions Nagel, 1970.

SOARES, L. T. **Os custos do ajuste neoliberal na América Latina**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002 (Coleção Questões de Nossa Época).

SOBRINHO, O. E. **Alemanha dividida**: conflito de gerações do lado de cá do Muro de Berlim. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2015.

TANUS, G. F. Da prática à produção do conhecimento: bibliotecas na modernidade e biblioteconomia protocientífica. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 13, n. 3, p. 546-560, set. 2015.

THE LIBRARIAN IN TIMES OF CRISIS: THE ETHICAL CONSEQUENCES OF POST-MODERNITY FOR THE USE OF INFORMATION

ABSTRACT

Objective: To discuss the role of the librarian amid the crisis characteristic of Postmodernity, reflecting especially on their contributions to the use of information.

Methodology: The research is exploratory in nature and was conducted through a bibliographic review of the main authors related both to the social studies of Information Science and to the historical and philosophical discussions surrounding the concept of Postmodernity. **Results:** Postmodernity introduces a profound crisis of modern values, directly affecting the informational field. In this context, the librarian profession is directly impacted and acquires a central ethical role, as its practice involves the production, use, mediation, and circulation of information. **Conclusions:** It is concluded that, due to the ethical commitment regarding the use and dissemination of information, librarians can help reduce and overcome certain impasses caused by Postmodernity, provided that their praxis is oriented toward ethical issues concerning the use of information.

Descriptors: Librarian. Post-Modernity. Ethics. Nihilism. Post-Truth.

EL BIBLIOTECARIO EN TIEMPOS DE CRISIS: LAS CONSECUENCIAS ÉTICAS DE LA POSMODERNIDAD PARA EL USO DE LA INFORMACIÓN

RESUMEN

Objetivo: Discutir el papel del bibliotecario en medio de la crisis propia de la Posmodernidad, reflexionando especialmente sobre sus contribuciones al uso de la información. **Metodología:** La investigación es de naturaleza exploratoria y se realizó mediante una revisión bibliográfica de los principales autores vinculados tanto a los estudios sociales de la Ciencia de la Información como a los debates históricos y filosóficos en torno al concepto de Posmodernidad. **Resultados:** La Posmodernidad introduce una profunda crisis de los valores modernos, afectando directamente el campo informacional. En este sentido, la profesión bibliotecaria se ve directamente afectada y adquiere un papel ético central, pues su actividad implica la producción, el uso, la mediación y la circulación de información. **Conclusiones:** Se concluye que, debido al compromiso ético relacionado con el uso y la difusión de la información, el bibliotecario puede contribuir a reducir y superar ciertos impasses causados por la Posmodernidad, siempre que su praxis esté orientada a las cuestiones éticas del uso de la información.

Descriptores: Bibliotecario. Postmodernidad. Ética. Nihilismo. Posverdad.

Recebido em: 10.02.2025

Aceito em: 30.09.2025